

A EMANCIPAÇÃO FEMININA NA PÓS-MODERNIDADE E OS RELACIONAMENTOS INTERPESSOAIS

Talina Bandeira Tavares da Nóbrega (1); Lanna Jennifer Elias Pereira (1); Esly Nascimento de Medeiros (2); Flávio Lúcio Almeida Lima (3); Luís Augusto de Carvalho Mendes (4)

(UNINASSAU. talinatbandeira@gmail.com)

Resumo: Na pós-modernidade o desejo feminino modificou-se, isso se dá em grande parte pela vontade feminina de ser reconhecida não somente em seu âmbito familiar, mas também em sua profissão, nas relações afetivas e no convívio social. Percebe-se então um novo formato de configuração social, decorrente de embates sociais promovidos por vertentes feministas que lutam pela liberdade existencial igualitária de ambos os gêneros. Sendo assim, o presente estudo teve como objetivo discutir como o processo de emancipação feminina influencia os relacionamentos interpessoais na pós-modernidade. Partindo dessa compreensão, para a realização desse estudo foi realizado um levantamento bibliográfico, de caráter exploratório. Foram utilizados livros e artigos acerca do tema a partir do banco de dados dos Periódicos Capes, Biblioteca de Teses e Dissertações do IBICT e no Google Acadêmico. Constatou-se então que na pós-modernidade o gênero feminino possui novos objetivos mais pautados em sua profissão e nos direitos de decidir sobre seu corpo. O movimento feminista traz grandes contribuições no que se refere ao empoderamento feminino, tendo em vista que coloca em questão as desigualdades de gênero, tanto no campo social, quanto no subjetivo. Sendo assim, as mulheres permitem-se a vivenciar novas experiências afetivas e vem se tornando cada vez mais autônomas nos poderes de decisão nos diferentes contextos sociais, contribuindo para uma construção política e transformadora.

Palavras-chave: emancipação feminina, liquidez interpessoal, pós-modernidade

Introdução

Historicamente, a mulher perpassou por inúmeros desafios no que se refere à autonomia perante seu próprio corpo e seu poder de decisão. Sendo assim, o rompimento de padrões sócio culturais pré-estabelecidos vem trazendo diversas modificações no contexto dos relacionamentos interpessoais. A luta feminina pelos seus direitos civis teve início na Europa e na América do Norte, o que acarretou em consequências positivas para o público feminino no Brasil. Este panorama histórico foi embasado pela conscientização do papel da mulher no poder político, econômico e social. Tal acontecimento teve como foco a assertiva de que as mulheres participariam efetivamente em todas as esferas sociais (SANTOS; RAMOS; ESPÍNOLA, 2015).

A partir desse cenário, este estudo científico apresentou como objetivo geral discutir como o processo de emancipação feminina influencia os relacionamentos interpessoais na pós-modernidade. Além disso, buscou-se compreender o papel da mulher na sociedade, bem como sua evolução histórica e apontar como os relacionamentos interpessoais se apresentam na atualidade. Este estudo também verificou a relação entre a emancipação feminina e a mudança no padrão dos relacionamentos interpessoais afetivos.

Para atingir aos objetivos, esse estudo científico foi realizado através de revisão bibliográfica exploratória, sendo esta uma pesquisa de cunho narrativo, com *corpus* encontrado através de pesquisa via internet, mais especificamente nos motores de busca acadêmicas Periódicos Capes, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações do IBICT e no Google Acadêmico. A partir da coleta de materiais por meio das seguintes palavras-chaves: emancipação feminina; liquidez interpessoal; pós-modernidade.

Dessa forma, a presente pesquisa se classificou como básica, com uma abordagem qualitativa, a qual busca por meio de um levantamento bibliográfico abordar as questões da emancipação feminina e como estas estão interligadas as novas concepções de relacionamentos interpessoais afetivos (GIL, 2002).

Mulheres em luta

Em meio as lutas femininas, observa-se que partindo de 1960, um grande grupo de mulheres passaram a discutir sobre seus direitos e desejos, tornando público temas como sexualidade, violência, aborto etc. Dessa vez, as mulheres buscaram ser ouvidas, compreendidas e lutaram contra a objetificação do seu corpo. Sendo assim, tornaram-se autoras de sua própria vida, bem como suas escolhas (AZEVEDO, 2011).

Em busca de direitos igualitários, as mulheres buscaram maior participação em diversos contextos sociais e esse tipo de atitude modificou a posição de papéis instituídas a posteriori na sociedade. Uma dessas modificações está relacionada a saída da mulher para o mercado de trabalho, tendo em vista que ela também se torna ativa sobre o poder de decisão em seu lar e coloca em prioridade suas necessidades e seus desejos. Entretanto, apesar da mulher vir conquistando maior espaço na política, no mercado de trabalho e em outras esferas sociais, este processo ainda é lento e limitado. Essa nova dinâmica social permitiu a quebra da visão de homem enquanto autoridade, mas ainda não desassocia o papel de mulher como responsável doméstica (SANTOS; RAMOS; ESPÍNOLA, 2015).

Semelhante à revolução feminina, ocorreram outros avanços, como o da tecnologia, da ciência, e a globalização, que podem ser considerados marcos da época denominada como pós-modernidade. Dentre as contribuições, observa-se a presença da mulher no mercado de trabalho. Isso proporcionou alterações das perspectivas, sugeridas com o automatismo e a mecanização do trabalho, com a regulação do tempo pelo relógio, com a aglomeração das pessoas nas novas cidades industriais que estavam surgindo (MATOS, 2005).

Outro ponto a ser refletido, faz reverência à dinâmica dos relacionamentos entre homem e mulher. Até meados do século passado, era aguardado que a mulher casasse ainda virgem. A adolescente, convencionalmente, exercia o papel de “inocente”, ingênua para lidar com questões sexuais. Os rapazes pareciam ter atração garotas mais reservadas, alimentando, inclusive, a expectativa da conservação da virgindade até ocorrer o casamento. Percebe-se que os casamentos, antes cultivados por uma relação de submissão da mulher ao homem, atualmente funcionam em regime de companheirismo e igualdade entre os pares (MATOS, 2005).

Pesquisas científicas realizadas acerca do feminismo desde os anos oitenta no Brasil reescrevem a trajetória da mulher, bem como no âmbito da Crítica Feminista que aponta para a reescrita de trajetórias, imagens e desejos femininos. O feminismo proporcionou à mulher o direito de se expressar livremente, ideologia que surge contrária as representações sociais construídas a partir da cultura ocidental, em que o sujeito do gênero masculino apresenta um modelo padrão de comportamento a ser seguido e respeitado (ZOLIN, 2013).

Partindo de um pressuposto social machista e não igualitário, o patriarcalismo implica dizer que o homem é o detentor do poder, provedor e aquele que fornece segurança e o perfil autoritário na família. Enquanto isso, a mulher seria submissa, meramente dedicada ao âmbito familiar, abdicando de seus desejos pessoais. Logo, a família nuclear seria bem organizada pela mulher, porém sustentada pelo homem. Esse tipo de pensamento tradicionalista embasa a sociedade desde o início dos tempos. Sendo assim, a instituição casamento existia como uma construção que deveria ser levada até o fim da vida de um dos parceiros, independentemente do tipo de relação que pudessem ter. Dessa forma, essa construção de papéis norteou os relacionamentos sociais (ZOLIN, 2013).

As mulheres notaram que era necessário observar o processo histórico do passado em busca de uma identidade perdida. Não que isso implicasse em um comportamento baseado meramente no retrógrado, todavia o público feminino atentou-se para o reconhecimento de que seu papel deveria ser ampliado para além das atividades domésticas, ressignificando as influências do passado em sua constituição psicológica, que transformaram o perfil de sua experiência. Atentaram-se assim para as novas possibilidades existenciais, no sentido de desejarem um reconhecimento no âmbito profissional, uma liberdade em termos de relacionamentos interpessoais afetivos, antes analisados de maneira totalmente conservadoras (FITIPALDI, 2005).

A liquidez afetiva

Considerando a instabilidade dos relacionamentos a partir dessas mudanças que ocorreram historicamente, é trazido em “amor líquido” (BAUMAN, 2004) a tendência do ser humano em individualizar-se cada vez mais, não conseguindo então fixar relacionamentos interpessoais afetivos, sejam esses de cunho fraterno, amoroso, profissional ou familiar. As relações humanas estão cada vez mais rasas por causa dessa nova tendência de se comunicar, é tudo mais rápido, frenético e descartável, o que era sólido agora abre espaço para o que é líquido. Logo, homens e mulheres não se sentem mais na obrigatoriedade de viver em um relacionamento apenas para sentirem-se aceitos socialmente e a instituição casamento não é mais considerada um processo que dure toda a vida do sujeito.

Uma prova dessa constatação é o aumento no número de divórcios, um aspecto de interesse para pesquisa no Brasil por demonstrar uma nova vontade individual e social feminina, corroborando então com a premissa de que a mulher estaria cada vez mais focada em si mesmo e com dificuldade de solidificar seus sentimentos. Segundo o IBGE (2015), o número de divórcios no país cresceu mais de 160% na última década. Corroborando então com a ideia de que a prioridade feminina passa a não ser apenas o casamento.

A construção Social da identidade da mulher surge por meio da necessidade e ausência de padrões principais para defini-los, atrelados a um discurso, cujo objetivo é intensificar a identidade do sujeito contemporâneo. Neste sentido, as diversas ordens do discurso, compõem a identidade feminina que, por estarem subordinada a momentos históricos, resguardam experiências privadas, emoções e vivências culturais que consentem a construção social da subjetividade da mulher. Logo, compreende-se que as mulheres vêm ocupando um novo papel social, onde podem se permitir vivenciar novas experiências, rompendo com o tradicionalismo patriarcal (MARTINS; GOULART, 2016).

A contextualização da realidade social em termos interpessoais afetivos coloca em evidência os amores líquidos como novo formato de relacionamento, surgindo espaço então para indagações existenciais, tais como: quais são as novas vontades femininas em termos de relacionamentos? Em que está baseada essa nova concepção? O que significa dizer que o gênero feminino adota uma nova concepção de relacionamento interpessoal na pós-modernidade?

A mudança é perceptível devido as novas concepções acerca do comportamento sexual e da liberdade de opinião das mulheres, tendo em vista que a virgindade era vista como um fator interligado ao caráter e o casamento como uma obrigação, um dever. O empoderamento feminino permite que a mulher expresse sua ideologia. Nesse campo, o feminismo tem sido agente, visto que

promove a recriação de identidades, sob uma ótica subjetiva, onde homens e mulheres possam conviver sem hierarquias e as expressões de afetividade possam ser vistas sem julgamentos concebidos pelo tradicionalismo patriarcal (ALVES; PITANGUY, 2017).

Nesse sentido, pode-se observar também como as novas formas de comunicação vem contribuindo para o desenvolvimento desses novos modelos de relacionamento. Baldanza (2006) afirma que a tecnologia nos presenteou com a possibilidade de nos conectarmos com o outro a qualquer hora e em qualquer lugar, abriu as portas do mundo possibilitando ultrapassar todas as divisões geográficas que separam pessoas de diferentes culturas, em contrapartida essa facilidade de acesso ao outro fez com que estabelecêssemos relações de laços frágeis.

O grande avanço tecnológico permitiu que homens e mulheres pudessem encontrar-se de forma virtual. Ao mesmo tempo que existe a aproximação de ambos, também tende a existir o distanciamento do encontro real. Sendo assim, a máquina é confundida com o humano e a subjetividade torna-se escondida através de máscaras virtuais (VIEIRA, 2005).

Possibilita-se através da comunicação imediata, a interação e sociabilidade mesmo que os indivíduos não estejam ocupando o mesmo espaço. Essas novas formas de comunicação nos permitem uma reflexão acerca dos relacionamentos interpessoais líquidos, os quais podem acontecer a qualquer momento, mesmo que as pessoas envolvidas não se conheçam bem, ocorrendo então de maneira superficial, tendo como base uma espécie de solidão interativa, discorre Baldanza (2006).

Avila (2015) defende que uma nova forma de organização social é estabelecida, na qual os relacionamentos humanos se demonstram de maneira mais fluída e, por conseguinte, esse perfil é comprovado em todos os outros setores também, tais como emprego, comportamento perante a família e em relacionamentos fraternos. São tempos pós-modernos, nos quais a sociedade se estabelece por outra vertente, onde tudo acontece de maneira efêmera e circunstancial, pois outros desejos permeiam o universo feminino pós-moderno.

Isso é consequência de um novo conceito coletivo de aceleração psicológico e existencial nas relações humanas, no que tange suas verdades e vontades. Estas seriam trocadas de maneira rápida, esporádica, de acordo com a nova demanda do sujeito, a qual seria sempre substituída em detrimento de um novo valor (AVILA, 2015).

Nesse sentido, a mulher vem se permitindo a cada dia a vivenciar novas experiências no campo amoroso, expandindo seus interesses. Logo, vem experienciando uma liberdade. E sentir-se livre possui um significado subjetivo para cada uma. Segundo Bauman (2001), o sentimento de liberdade simboliza um processo de vivências sem que haja dificuldades, obstáculos, resistência ou

impedimentos. Nesse sentido, a mulher está em processo de construção, tendo em vista os aspectos socioculturais já impostos a priori.

Sendo assim, observa-se que o casamento, pode ser modificado para o “morar junto”, o que possibilita uma maior transitoriedade no que diz respeito ao convívio intrafamiliar, com a possibilidade de rompimento a qualquer momento, independente das circunstâncias, dependendo do desejo e necessidade de alguma das partes. Dessa forma, ambas as partes do relacionamento apresentam autonomia para manifestar seus desejos que outrora, pudessem estar adormecidos (BAUMAN, 2001).

Conforme Bauman (2004) as ausências de compromisso associadas ao prazer momentâneo, fazem os sujeitos sofrerem de um mal contemporâneo, a solidão. Duvida-se do outro e do que se sente pelo outro. Em tempos individualistas, cada vez mais a experiência do afeto está submetida a testes para que seja reconhecida e validada.

Portanto, devido a esse novo formato de comunicação no que tange os relacionamentos interpessoais afetivos, o ser humano, componente desta sociedade pós-moderna, demonstra-se inquieto com as concepções de amor, paixão, sociabilidade e convívio. Um elemento de relevante importância na atualidade é o da vulnerabilidade, pois nada é feito para durar em tempos pós-modernos, aponta Bauman (1998).

O mundo contemporâneo é um ambiente de livre mercado e tem como fundamento principal o consumismo, quando se fala no mesmo, não se está apenas falando do seu aspecto comercial, de coisas e objetos, mas também do consumismo estendido para as relações entre as pessoas. Esse quadro descrito aponta uma realidade então vista como pós-moderna, o ser humano apresenta-se como fonte de lucro, troca, tendo então um caráter mercadológico, em detrimento do real encontro e valor existencial entre os sujeitos (BAUMAN, 2001; 2008).

Ironicamente, vincular-se a alguém afetivamente trará prazer e satisfação e por outro lado, empenhar e investir emocionalmente em alguém pode durar apenas meses, além de ser uma escolha que tirará as novas e inúmeras possibilidades de novos relacionamentos. Por isso, a dualidade de segurança e liberdade são dois fatores essenciais de uma vida realmente feliz, pois coloca o sujeito frente a um dilema: segurança sem liberdade é escravidão e liberdade sem segurança é um completo caos, é estar sozinho em meio à multidão e desesperados por obter êxitos em ambas as situações (BAUMAN, 2004).

Sendo assim, não é uma determinação social o que está moralmente aceito ou condenável, mas ao que a sociedade em que se está inserido coloca sobre isso. Na sociedade atual, as distâncias

são cada vez mais significativas, não permitindo que se crie um senso de responsabilidade com o outro, afirma Bauman (2001).

Discussão

A fim de discutir como o processo de emancipação feminina influencia os relacionamentos interpessoais na pós-modernidade, foi necessário realizar uma busca em artigos e livros, sobre como os avanços da atualidade podem estar correlacionados com as mudanças ocasionadas na sociedade. Sendo assim, foi observado que a saída da mulher para o mercado de trabalho e sua participação na política vem trazendo uma mudança de atitudes no que se refere às formas de relacionamento.

Zolin (2013) e Santos, Ramos e Espínola (2015) corroboram com a ideia de que a mulher, no intuito de superar os limites impostos socialmente pelo homem, buscou adentrar em diferentes contextos, propondo ideologias e demonstrando suas necessidades e desejos. Portanto, percebe-se que sua emancipação está interligada aos seus direitos, sendo eles o de possuir tomada de decisão acerca do próprio corpo e a forma que gostaria de se relacionar com outras pessoas.

Dessa maneira, como explora Matos (2005), o movimento feminista afetou diversas esferas, bem como contribuiu para uma modificação dos papéis sociais. Atividades que outrora eram atribuídas apenas aos homens ou apenas as mulheres, tornam-se flexíveis. O surgimento do movimento feminista afetou os papéis sociais, que eram restritos à esfera privada, tais como: filha, esposa, mãe, ou, timidamente desempenhados na esfera pública, na condição de educadoras ou cuidadoras, ampliando-os. A contribuição da mulher como mão-de-obra produtiva, seu desenvolvimento acadêmico e sua participação ativa na política assinalaram uma nova ordem. Dessa forma, a mulher passou a galgar posições antes consideradas, exclusivamente, masculinas.

Baldanza (2006) e Casadore (2012) corroboram com a ideia de Bauman (2008) de que nada é feito para durar, os dois trazem ainda a concepção de que as redes sociais estariam diretamente interligadas como esse novo formato de concepção de relacionamento interpessoal afetivo, pois se trata de uma sociedade de consumo, na qual tudo acontece de maneira imediata e superficial.

Nesse aspecto Vieira (2005) também problematiza acerca do uso de redes como meios de aproximação e distanciamento entre os seres humanos. O sujeito objetual de hoje é trocado rapidamente pelo indivíduo mercadológico de amanhã. No primeiro sinal de que o sujeito não esteja atendendo as expectativas do outro indivíduo, ocorre uma troca, sem nenhuma culpa, pois é a assim que a sociedade funciona na pós-modernidade.

Ainda segundo Baldanza (2006), a comunicação entre as pessoas está cada vez mais diferenciada, pois o uso da tecnologia faz com as mesmas não precisem ocupar o mesmo espaço, não necessitam entrelaçar seus olhares ou verbalizar no mesmo recinto as suas emoções. Pode-se então fazer esse tipo de comunicação através de redes sociais específicas para encontros, os quais de certa forma acarretam em relacionamentos líquidos.

Sendo assim, pode-se constatar que os avanços que existem no que se refere aos direitos das mulheres, influenciaram na forma como elas se relacionam. Assim como afirma Matos (2005), existem expectativas sobre a posição feminina dentro de um relacionamento, inclusive no que diz respeito a sua restrição sexual.

A partir desse estudo, autores como Zolin (2013), Santos, Ramos e Espínola (2015) e Matos (2005) compreendem a relevância do avanço das mulheres como forma de empoderamento e crescimento social. E esse movimento de conquistas e empoderamento levam a mulher a ter autonomia perante suas próprias escolhas. Considerando que o foco da mulher tem se tornado suas realizações pessoais e profissionais cada vez mais, existe uma modificação nos papéis sociais, onde a mulher também é autora de suas próprias escolhas.

Conclusão

O estudo científico em questão teve como objetivo verificar a relação da emancipação feminina com os relacionamentos interpessoais afetivos pós-modernos, constatando através da coleta de referencial teórico que as mulheres estão por motivos de emancipação e efetivação das lutas pelos seus direitos civis, buscando o seu espaço profissional e liberdade existencial, desta forma mudando a configuração patriarcalista, machista, na qual sempre esteve fundamentada a sociedade.

O processo de aceleração pós-moderno ajudou na promoção de uma conscientização feminina acerca de suas vontades mais profundas, as quais estavam adormecidas devido ao machismo impregnado no decorrer de todo o processo histórico. No decorrer do seguinte trabalho científico observou-se a interconexão das temáticas, emancipação feminina e pós-modernidade, visto que a rapidez da comunicação interpessoal promovida pelos veículos midiáticos, a troca de um objeto de desejo visto como primordial tal como casamento, para outra vontade antes adormecida por padrões sociais machistas, o reconhecimento profissional, estão todas conectadas com a sociedade vista como líquida.

Os desafios encontrados para o êxito desta produção científica surgiram apenas no sentido de interconectar as duas temáticas: emancipação feminina e pós-modernidade, verificando a escassez de

produções científicas nas bases digitais que abrangessem e logo interligassem ambos. Portanto, trata-se de um trabalho original, que poderá subsidiar e estimular outras produções científicas que venham permear a conexão entre as duas temáticas.

Defende-se que o presente estudo foi relevante no sentido de desenvolver um aparato bibliográfico que pudesse subsidiar futuras pesquisas e avanços sociais no que tangem a emancipação feminina e sua conexão com a nova forma de comunicação interpessoal afetiva pós-moderna. São novos desejos femininos que seguem também padrões pós-modernos, porém igualitários. Logo, academicamente e socialmente, justifica-se essa produção científica no que tangem a emancipação feminina frente a pós-modernidade.

Em tempos pós-modernos, de aceleração e sociedade baseada no consumo e no que é frenético, percebe-se a relevância de estudar como a mulher busca encontrar seu espaço dentro desse novo formato social e quais são suas prioridades em termos de emancipação, no que tangem as suas conquistas, desejos e futuros planos. Conclui-se então que a pós-modernidade ajuda na promoção desse processo de visibilidade e luta pelos direitos femininos, substituindo então padrões conservadores e retrógrados por uma visão ampla em termos de liberdade individual e de gênero.

Referências

ALVES, B. M.; PITANGUY, J. **O que é feminismo**. Coleção primeiros passos. Editora Brasiliense, 2017.

AZEVEDO, S.R. dos S. **Mulheres em pauta: gênero e violência na Agenda midiática**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011.

BALDANZA, R. F. **A Comunicação no Ciberespaço: reflexões sobre a relação do corpo na interação e sociabilidade em espaço virtual** Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/63960297667367250954516430239393812902.pdf>>. Acesso em: 3 de abril de 2017.

BAUMAN, Z. **Amor líquido** – Sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

_____. **A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008a.

_____. **Comunidade: A busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

_____. **Medo líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008b. 229 p.

_____. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

FITTIPALDI, M. O Movimento Feminista: modernidade, identidade e a mulher. **Direito, Estado e Sociedade**, v 9, n 27, pp. 134-146, jul/dez, 2005.

IBGE. **Divórcio cresce mais de 160% em uma década**. 2015. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2015-11/divorcio-cresce-mais-de-160-em-uma-decada>. Acesso em: 17 de abril de 2018.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002

MARTINS, F.; GOULART, M. Feminismo, direito e aborto: articulações possíveis e necessárias para emancipação de gênero. **Revista Brasileira de Ciências Criminais**, V. 123, 2016. Disponível em: http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/documentacao_e_divulgacao/doc_biblioteca/bibli_servicos_produtos/bibli_boletim/bibli_bol_2006/RBCCrim_n.123.08.PDF. Acesso em: 07 de maio de 2018.

SANTOS, H. C. da C.; RAMOS, E. da S.; ESPÍNOLA, M. R. B. Rompendo barreiras, conquistando espaços: o movimento feminista no combate às desigualdades à luz da constituição federal de 1988. **Revista Dat@venia**, V.7, Nº 1, 2015. Pp.158-170. Disponível em: <http://revista.uepb.edu.br/index.php/datavenia/article/view/3624-10886-1/2053>. Acesso em: 09 de abril de 2018.

SIMMEL, Georg. O dinheiro na cultura moderna (1896). In: SOUZA, Jessé e OËLZE (Orgs.). **Simmel e a modernidade**. Brasília: Editora da UnB, 1998.

VIEIRA, J. A. A identidade da mulher na modernidade. **Delta**, São Paulo, v. 21, n. spe, p. 207-238, 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502005000300012&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 17 abr. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-44502005000300012>.

ZOLIN, Lúcia Osana. A literatura de autoria feminina brasileira no contexto da pós-modernidade. **Ipotesi**, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, p. 105 - 116, jul./dez. 2009